

Complementaridade natural que se impõe explorar

9/4/84 N.

— Presidente Samora Machel, no Banquete de Estado em Kinshasa

No Banquete de Estado oferecido em sua honra, no primeiro dia da sua visita à República do Zaire, o Presidente Samora Machel proferiu um discurso, respondendo ao que momentos antes havia sido proferido pelo seu anfitrião. No discurso, o Presidente Samora Machel relembrou o papel importante que o Zaire e em particular o Presidente Mobutu Sese Seko desempenharam no apoio à luta armada de libertação nacional condu-

zida pela Frente de Libertação de Moçambique. Disse também que «entre o Zaire e Moçambique há uma complementaridade quase natural que se impõe que nós exploremos, para dela extrairmos o máximo de benefícios».

Publicamos a seguir, na íntegra, o discurso do Presidente da República Popular de Moçambique:

Sem paz não há desenvolvimento e sem desenvolvimento não há paz. Estes dois elementos constituem o verso e o reverso da mesma realidade. Por isso, estamos interessados que exista paz na nossa zona, porque dela poderá advir o desenvolvimento e a ampliação da cooperação na nossa região.

Sua Excelência
Marachal Mobutu Sese Seko,
Presidente-Fundador do Movimento
Popular Revolucionário,
Presidente da República do Zaire,
Estimada Madama Mobutu,
Distintos membros do Governo do
Zaire
Minhas Senhoras,
Meus Senhores,
Excelência,

... e cometa os mais hediondos crimes, contra crianças, mulheres e homens indefesos do nosso País, o Zaire deu o seu apoio material às nossas forças combatentes. Três mil soldados da FRELIMO foram equipados da cabeça aos pés pela República do Zaire.

As nossas gloriosas forças de libertação nacional e o nosso povo jamais se esquecerão deste gesto de solidariedade, que ficará gravado para sempre na história das relações entre os nossos povos.

O Zaire assumiu a importância e o valor da nossa luta porque o seu povo tem o mesmo passado de dor e sofrimento que os povos moçambicanos.

Ambos os povos foram igualmente vítimas da dominação e exploração colonialista.

No período da dominação colonial, as nossas crianças não tinham acesso à escola. Os colonialistas faziam das nossas crianças pastores de gado ou empregados domésticos. A mulher nos nossos países não tinha cidadania, era apenas objecto de prazer para o colonizador e mão-de-obra barata. Para o colonialista, o homem colonizado era um preguiçoso, um mendicão. Mas era a ele que se devia toda a riqueza do colonizador.

É este o passado comum que nos une e nos identifica. É este passado que faz com que não haja fronteira entre os nossos dois povos. Do colonialismo herdámos o analfabetismo, a miséria e um cortejo de homens, mulheres e crianças, barbaramente assassinados.

A história do colonialismo é a história da humilhação, da destruição da nossa cultura e personalidade, da repressão e exploração.

A história das independências políticas em África é uma história escrita com o sangue dos nossos povos, que sacrificaram os seus melhores filhos para que a árvore da independência florisse nos nossos países. É a história da afirmação da nossa personalidade e dignidade de africanos.

Neste processo, a Organização de Unidade Africana desempenhou e desempenha um papel importante... A OUA é o nosso instrumento de unidade. É a nossa força. É a nossa força de coesão pela preservação da nossa independência política. É a força de combate na batalha pela conquista da independência económica, em que os nossos povos se encontram empenhados. A OUA simboliza a unidade de homens africanos, ontem escravos, mas hoje livres e independentes que aspiram construir a prosperidade e o bem-estar.

É nossa convicção de que, guiados pelos princípios e objectivos consagrados na carta da OUA, sabemos encontrar as soluções adequadas e justas para os problemas com que a nossa organização se confronta. A questão do Sahara e a questão do Chade são questões africanas que devem encontrar solução no âmbito dos princípios da liberdade, da igualdade e da democracia que orientaram a criação da Unidade Africana. Não devemos permitir que a nossa Organização caia na inércia e no descrédito, pois a OUA simboliza um passado glorioso de luta pela afirmação da dignidade e idoneidade do homem africano. Homem que ama a paz e a liberdade.

Excelência,

Há mais de vinte anos que ao nosso povo é imposta a guerra: o nosso povo nunca agrediu, foi sempre vítima de agressões. Mas sempre aspirou viver em paz. Foi por isso que, em 25 de Setembro de 1964, desencadeámos a luta armada de libertação nacional que culminou com a nossa independência. Com ela julgávamos ter obtido a paz por que tanto ansiávamos.

Contudo, mais uma vez, fomos alvo de actos de agressão e de barbárie por parte do regime ilegal de Ian Smith. E mais uma vez, fomos obrigados a fazer a guerra para acabar com a guerra. O Zimbabwe libertou-se e

deixou de ser o baluarte dos rebeldes e passou a ser a Pátria dos zimbabueanos, brancos e pretos, independentemente da sua tribo ou religião.

No entanto, as forças que se opõem à paz desencadearam todo um conjunto de actos de agressões e sabotagem que visavam desestabilizar e provocar a derrocada do Governo da Frelimo. Os seus desígnios de nova fracassaram e o inimigo viu-se obrigado a negociar com o Governo popular que ele queria abater. O sucesso de Nkomati insere-se na luta do Continente Africano pela liberdade e pela paz. Não se trata de uma questão meramente tática.

O Acordo de Nkomati revela a possibilidade de resolver conflitos de natureza antagónica por via de negociações e abre caminho para a coexistência pacífica na nossa zona.

Em termos estratégicos, em Nkomati registou-se uma vitória das forças amantes de paz e da liberdade pois, com tal Acordo, a revolução moçambicana travou a guerra não-declarada que nos movia o regime do «apartheid».

O povo e o Governo moçambicano, fruto da luta pela liberdade e independência, continuam firmes no apoio às causas justas dos povos.

A Independência da Namíbia é uma exigência do Continente Africano e de toda a comunidade internacional. Por isso, reiteramos a nossa solidariedade para com a SWAPO, único e legítimo representante do povo namibio.

A luta pela igualdade e democracia, é uma luta de todos os povos do mundo. A República Popular de Moçambique continuará a prestar o seu apoio político, moral e diplomático ao ANC, para que a África do Sul seja a Pátria de todos os sul-africanos.

Cientes de que a luta pela paz é um processo em que estão envolvidos os povos de todo o mundo, devotamos as nossas energias para pôr cobro à corrida aos armamentos, para a sua redução e para a eliminação das armas nucleares, que constituem a maior ameaça à existência da Humanidade.

Excelência,

Sentimos que existe por parte dos nossos povos e Estados a vontade de caminharmos juntos no desenvolvimento de uma cooperação que traga o progresso e o bem-estar por que tanto ansiámos.

Recordamos, com viva emoção, a sua visita oficial ao nosso País, em 1980. Essa visita constituiu um ponto alto do relacionamento dos nossos dois povos e Estados. Estamos certos que nesta, nossa primeira visita oficial à República do Zaire, iremos reactivar as bases da nossa cooperação, que foram então lançadas, e consolidar e ampliar as nossas relações nos domínios político, económico e cultural.

Nas instituições de que somos membros, temos um vasto campo de acção para procedermos ao intercâmbio das nossas ideias e opiniões.

Entre o Zaire e Moçambique, há uma complementaridade quase natural que se impõe que nós exploremos, para dela extrairmos o máximo de benefícios. As linhas férreas e os portos moçambicanos estão à disposição e ao serviço da República do Zaire.

Devemos incrementar o fluxo económico e comercial entre os nossos países. No campo da cultura, muito há a fazer para desenvolver o intercâmbio entre os nossos povos, de forma a torná-los mais próximos e unidos através da dança, da canção, do ritmo, da literatura.

Excelência,

Renovo os agradecimentos pela calorosa hospitalidade com que nos tem rodeado desde a nossa chegada. No espírito da profunda amizade e fraternidade que nos une, convidamos todos os presentes para se associarem a mim num brinde:

- A saúde de S. Ex.º o Presidente Mobutu Sese Seko,
- A saúde da Madama Mobutu,
- A amizade e cooperação entre os nossos povos,
- A prosperidade do povo do Zaire.

As palavras que acaba de nos dirigir sensibilizam-nos imenso. São palavras de amizade e solidariedade, impregnadas com o calor e o carinho que são apanágio da tradição africana.

Nas suas palavras, encontramos o sentir profundo e as laços de fraternidade que ligam o povo do Zaire ao povo moçambicano.

Elas ultrapassam o simples formalismo do protocolo do Estado. Refletem o respeito e a simpatia que os nossos dois povos nutrem um pelo outro. Por isso, desde a nossa chegada, nos sentimos como se estivessemos em nossa própria casa.

Na beleza das mulheres que nos receberam no aeroporto, encontramos a beleza da mulher moçambicana e na graça dos seus gestos e danças encontramos os gestos e a música do nosso País. No som rítmico dos tambores zairetes, sentimos o ecoar do nosso batuque nos grandes dias de festa. Ao pisarmos as terras do Zaire, fomos envolvidos por uma atmosfera de alegria e festa. Festa e alegria que têm lugar quando se encontram dois irmãos que se querem muito.

Excelência,

As relações entre os nossos dois povos datam do período da nossa luta de libertação nacional. Foi sob a sua direcção, Senhor Presidente, que o povo zaireta deu o seu apoio político, diplomático, moral e material ao nosso combate libertador.

Recordamos com viva emoção que, quando o colonialismo, no seu desespero, lançava toda a sua agressivi-